

Imaginários e políticas de identidade no bicentenário da Independência do Brasil

Imagineries and identity politics in the bicentennial of the Independence of Brazil

Imaginarios y políticas identitarias en el bicentenario de la Independencia de Brasil

Gabriela REINALDO¹
Juremir Machado da SILVA²
Maurício Ribeiro da SILVA³

O dossiê *Imaginários e políticas de identidade no bicentenário da Independência do Brasil* que abre este número da Revista Mídia e Cotidiano foi proposto em um momento crítico da história brasileira, pleno de conflitos, intolerâncias, acusações e imprevisibilidade.

Mais do que a comemoração da efeméride, nosso interesse foi convidar a comunidade científica da Área de Comunicação a trazer contribuições para pensar este momento a partir de uma perspectiva de longo curso, não necessariamente vinculada à objetividade do tempo presente.

Tomado este ponto de vista, observamos que se desnudam processos que apesar de estarem presentes no dia a dia das comunidades espalhadas por todo o país, muitas vezes não são percebidos ou, pior, passam a ser invisibilizados.

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Instituto de Cultura e Arte, da Universidade Federal do Ceará (PPGCom ICA-UFC) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará, o POET-UFC. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUCSP, coordenadora do Imago - Laboratório de estudos de estética e imagem. E-mail: gabriela.reinaldo@ufc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3663-0314>

² Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Jornalista pela PUC-RS e doutor em Sociologia pela Université Paris V René Descartes. E-mail: juremir@puers.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8105-5596>

³ Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP. Arquiteto e Urbanista pela USP-São Carlos e doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. E-mail: silva.mrib@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7152-2581>



O cotidiano, assim, é observado de modo a facultar a compreensão de forças explícitas e ocultas, do passado e do presente, que interagem constituindo imaginários diversos, os quais fomentam tanto nossa identidade coletiva quanto a estigmatização de grupos específicos. Neste contexto, o papel dos meios de comunicação, das expressões culturais e das interações tecnológicas surge como operacionalizador e disseminador de narrativas articuladoras desses imaginários na busca de constituir hegemonias enquanto espaços nos quais a contradição, a insurgência e o tensionamento são explicitados. Dessa forma, os pesquisadores que aqui comparecem trazem à tona questões singulares e, ao mesmo tempo, representativas do processo de constituição da nação brasileira, tecendo articulações críticas entre o papel da imprensa, do rádio, do cinema e das redes e os imaginários dos povos indígenas, dos povos africanos escravizados, das mulheres, de pessoas da comunidade LGBTQIA+ em uma sociedade dominada por valores europeizantes e heteronormativos (o “macho adulto branco sempre no comando” do qual falava Caetano Veloso em sua canção “O estrangeiro”).

Desnuda-se, desse modo, um Brasil no qual o conflito entre grupos diversos que lutam por espaço na sociedade e na cultura são contrapostos por estruturas institucionais conservadoras cujas vozes são autorizadas e amplificadas pelas falas e atos de um presidente que não receia menosprezar e aviltar os anseios e direitos de uma maioria historicamente privada da possibilidade de intervir nos espaços de poder. Nessa encruzilhada (lugar onde os diferentes caminhos se cruzam e interagem) de tempos e espaços, de esperança e castração, de encantamento e ódio, de desalento, mas também de fé, surge um país complexo, feito de luz e sombra, de razão e emoção, de injustiças e desamparo ao mesmo tempo em que é resistência e luta.

Dito isso, este número tem início a partir da leitura de *O Brasil no imaginário coletivo*, que busca traçar o imaginário do Brasil a partir das contribuições de autores estrangeiros, um padrão do qual o país se constitui desde a famosa carta de Pero Vaz de Caminha. Larissa Caldeira de Fraga discute como a mídia reforça e dinamiza o imaginário coletivo sobre o Brasil, reforçando estereótipos presentes já nos mitos fundadores do descobrimento/invasão do território hoje denominado brasileiro. No âmbito da mídia, *Imprensa e rádio no*



bicentenário da Independência: o discurso jornalístico sobre o rádio como mídia educativa e cultural em contexto pandêmico na Bahia, de autoria de Magno Medeiros e Pricilla Souza Andrade, propõe uma investigação sobre o papel do rádio como mídia educativa no contexto da pandemia de covid-19, refletindo sobre temas como imaginários, identidade, história e memória.

Na sequência, Egle Müller Spinelli e Isabela Afonso Porta Sartigo discutem, no artigo *A imprensa como instituição política no Brasil: os reflexos dos ideais modernos em um cenário de cultura digital, desinformação e pós-verdade*, o papel da imprensa na constituição do imaginário moderno do país, deslocando a concepção de uma instituição integralmente associada ao papel de informar e proporcionar ao cidadão condições para a plena formação de opinião que promove sua emancipação, para outro no qual comparece o vetor de instrumento político voltado à constituição do ideário capitalista na sociedade brasileira. A partir dessa perspectiva, apresenta-se o impacto desse ideário no cenário de uma cultura contemporânea fundada em ambientes digitais nos quais tal proposta encontra terreno constituído a partir da lógica da pós-verdade e da desinformação.

O olhar sobre a gente brasileira passa a ser retratado com o artigo *Autorrepresentação indígena como política de identidades em luta*. A representação dos povos indígenas brasileiros feita pelos europeus que aqui chegaram (e pelos que nem sequer atravessaram o Atlântico) e o giro decolonial, que tem início no final do século XX – quando indígenas brasileiros passam a contar suas próprias histórias e registrar e divulgar suas próprias experiências integram o artigo de Monica Kaseker, Adriana Nakamura Galassi e Lucas Fernando Ribeiro. Aqui, os autores reportam-se a figuras relevantes nesse processo – como Mario Juruna, Airton Krenak, Marcos Terena e Davi Yanomami – e dizem da importância da formação de produtores audiovisuais indígenas, das etnomídias e dos influenciadores digitais como Cristian Wariu, Célia Xakriabá e Tukumã Pataxó, lembrando que tão essencial quanto a demarcação de terras é assegurar o respeito pelas narrativas, imagens e imaginários dos povos originários.

Ainda no contexto das identidades associadas a grupos sociais específicos, o artigo *Iniciativas coletivas pró-diversidade e o potencial de transformação nas identidades*, de Cristiane Mafacioli Carvalho e Enéias Brum, discute o papel da



publicidade como instrumento reforçador e ao mesmo tempo transformador do imaginário, atuando no entrecruzamento das representações midiáticas com atores sociais. Nesse sentido, tensiona o potencial de iniciativas coletivas articuladas por grupos sociais não hegemônicos em estimular mudanças no campo publicitário de modo a valorizar e visibilizar suas identidades.

O cinema enquanto vetor para a compreensão dos processos culturais comparece por meio do artigo *Enfrentamentos à bandeira nacional a partir do cinema brasileiro contemporâneo*, de autoria de Ana Caroline de Almeida. Com base no uso sistemático de símbolos como o hino nacional e a camisa da seleção no contexto das chamadas Jornadas de Junho de 2013 por parte de grupos conservadores, observa-se como o cinema brasileiro independente atuou como catalizador do pensamento crítico, posto em desconforto com a apropriação e a ressignificação de tais símbolos nacionais a partir do uso da bandeira brasileira. Na sequência, *Fascismo à brasileira em O som ao redor e O animal cordial: desestabilização e autoritarismo no cinema brasileiro pré-Bolsonaro*, de Guilherme Fumeo Almeida e Daniel Ricardo Feixa, apresenta a produção cinematográfica como *corpus* a partir do qual é possível compreender os processos de autoritarismo e intolerância na constituição sociopolítica brasileira que servem de base para a ressurgência do pensamento fascista no contexto nacional após 2010.

Finalmente, fechando o dossiê, as conexões entre as agruras do presente e dos tempos históricos distintos são observadas por Wilson Couto Borges e Camila Fortes Monte Franklin no artigo *A (des)patologização de Jair Bolsonaro nas redes em tempos de pandemia de Covid-19 no Brasil*. No texto, os autores, considerando as postagens no Instagram que associam a imagem do presidente da república ao imaginário da loucura e da sanidade, buscam elucidar processos de patologização e despatologização relacionados à pandemia do coronavírus no país.

Com esse conjunto de textos, a expectativa em relação ao dossiê é a de que os temas, objetos e reflexões aqui trazidos fomentem novas contribuições da ciência brasileira, em especial da área de comunicação, para a constituição de um Brasil mais solidário e justo, capaz de compreender suas mazelas e as dificuldades de sua gente. Além disso, um país consciente de sua capacidade e importância na



constituição do futuro de um mundo em profunda crise neste momento que tem sua carga emblemática envolvida pelos imaginários que cercam o bicentenário da Independência.

Após os artigos alinhados ao tema do dossiê desta edição, iniciamos a Seção Livre em diálogo evidente – como não poderia deixar de ser – com parte significativa das reflexões também ali presentes. O primeiro texto, *A estética da mulher negra em anúncios para cabelos crespos*, tem autoria de Camilla Araújo Lopes Vieira, Isabela Cedro Farias, Claudenia Mesquita Barroso, Joyce Hilario Maranhão e Francisca Denise Silva Vasconcelos. A proposta dos autores foi focar nesta produção midiática bem específica, anúncios publicitários, recortando dez marcas de produtos de beleza, destinadas àquelas que têm cabelos cacheados e crespos, que foram analisadas discursivamente. Acionando categorias como interdiscursividade, representação de atores sociais e metáforas, a pesquisa conclui que a pauta sobre cabelo explicita manifestações racistas em sintonia aos estereótipos e preconceitos a respeito da mulher negra.

O artigo seguinte, *Imagens cidadãs: a participação da Bem TV no estímulo ao Bem Comum*, de Pablo Laignier, por sua vez, pode ser pensado como uma espécie de contraponto ou, no mínimo, recupera, para nós, a percepção de que se há um lado agindo na manutenção das desigualdades e violências sociais, há um território onde os propósitos e ações são o oposto. Nesse caso, trata-se de discutir uma das iniciativas do Brasil recente, que é a proposta de TVs comunitárias, a partir da experiência da *Bem TV*, de Niterói (RJ). No texto, o autor, após contextualizar diversos aspectos que rondam a produção audiovisual hoje e de debater as questões que envolvem este tipo de canal de televisão, analisa vídeos do seu objeto de investigação, concluindo que o estímulo às discussões de temáticas fundamentais para a construção de uma relação cidadã comunitária continua sendo, a despeito de tantos desafios, o que dá sentido às propostas de canais comunitários.

Já o próximo artigo, *Os tempos do ser jovem: representação das temporalidades juvenis em Malhação - Viva a Diferença*, contribuição de Denise Figueiredo Barros do Prado e Amanda Magalhães Ferreira, apresenta um estudo televisual centrado nas coprotagonistas da temporada 2017/2018 da série exibida diariamente pela TV Globo. A partir da análise das categorias “tempo cotidiano”, “tempo biográfico” e “tempo familiar-social”, o estudo indicou que as trajetórias



biográficas analisadas, bem como suas inserções sociais mais amplas, afetam a constituição da experiência temporal das jovens. Também focado em jovens, desta vez universitários equatorianos, o próximo artigo, *Vício em redes sociais em jovens de Guayaquil*, Equador, como o próprio título deixa claro, problematiza o uso excessivo de redes sociais, apontando para prováveis consequências, inclusive um sintoma clássico em viciados: a abstinência. Construída a partir de um *corpus* de 228 estudantes entre 16 e 30 anos, a pesquisa detalha posicionamentos desses jovens quanto ao consumo de informações e da necessidade de buscar as redes sociais como uma primeira atividade do dia.

E, para encerrar a Seção, pudemos contar com o artigo *Identidades indígenas urbanas: autonarrativas contemporâneas mediatizadas no Instagram*, de Rafael Sbeghen Hoff, que também foca o comportamento juvenil, agora de jovens indígenas que vivem em contextos urbanos. A pesquisa de Hoff discute o uso do Instagram por quatro representantes de três etnias indígenas que, conforme sua investigação, se valem dessa rede social para ressignificarem suas identidades, utilizando, em especial, imagens que expressam quem são, o que fazem. Entre outras conclusões, o pesquisador identifica formação de redes de colaboração nas mídias digitais que configuram expressões de resistência e luta contra a invisibilidade que a cultura ocidental, capitalista e branca, impõe. Algo que emerge, também de modo potente, na conversa que Urbano Lemos Júnior e Vicente Gosciola fazem com o cineasta Cristiano Burlan. Intitulada *A importância do streaming para o documentário durante a pandemia da Covid-19: uma conversa com o cineasta Cristiano Burlan*, a entrevista, entre outras qualidades, destaca o processo criativo deste que é um dos mais relevantes diretores do cinema brasileiro atual, além de confirmar o esforço dos realizadores do Brasil contemporâneo em manterem-se ativos e relevantes para a cultura nacional, a despeito do massacre da cultura que nos atravessa hoje.

Boa leitura!

Gabriela Reinaldo, Juremir M. da Silva e Maurício R. da Silva (Ed. Seção Temática)

Denise Tavares, Larissa Morais e Renata Tomaz (Ed. da Seção Livre)



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.